

Reportagem de capa: Eqüinos

Mercado externo é a saída para os cavalos de corrida

Proprietários de PSI sonham com sucesso nas pistas, passaporte para o reconhecimento internacional

Beth Mello

No ano passado, Heart Alone, inscrito pelo Stud C&T, venceu o 1º Najh Al Shindagha Sprint, em Dubai, nos Emirados Árabes. Em novembro do mesmo ano, Eu Também, criação do Haras Guaiuvira, conseguiu uma vitória histórica: faturou o Derby Argentino, desbancando craques do país tradicional do turfe. Ambos foram comprados por sheiks de Dubai, mas o preço da transação ninguém revela.

Histórias como essas têm se repetido. Segundo Leo Friedberg, da Agência Pro Horse, há animais brasileiros ganhando nas pistas de corridas mundiais, principalmente nos Estados Unidos e em Dubai. “Os cavalos vão bem sozinhos, a criação nacional de puro sangue inglês (PSI) é excelente, mas falta profissionalização”, observa e aponta tendência de crescimento progressivo das exportações. De 2001 para 2006, o número de cavalos de corridas exportados saltou de 125 para 376, segundo a Associação Brasileira de Criadores e Proprietários de Cavalos de Corrida.

“O sucesso dos cavalos brasileiros no exterior segura o mercado. Há abertura para Dubai, Estados Unidos e Uruguai”, diz o leiloeiro Nilson Genovesi. Embora a falta de incentivo reflita na queda de nascimentos de animais no País (cerca de 3 mil/ano) – na Argentina nascem 20 mil e nos EUA, perto de 100 mil –, ele considera o resultado satisfatório. “Aqui os prêmios são muito baixos, o governo não permite apostas alternativas como na Argentina e o jóquei

sofre a concorrência dos bingos”, reclama.

“A motivação dos proprietários é a possibilidade de exportar um produto”, diz o presidente da Comissão de Turfe do Jockey Clube de São Paulo, João Boyadjian. “As apostas sofreram a concorrência de outras modalidades de jogos (loterias e bingos).”

GENÉTICA APURADA

Segundo Boyadjian, nos anos 80 o Brasil tinha uma média de 12 mil éguas PSI em reprodução, mas esse número vem caindo e hoje chega a 5.550 éguas e produção anual de 4.500 potros. “A genética tem melhorado com a entrada das correntes sanguíneas importadas (garanhões)”, diz. “Com a abertura do mercado, há 20 anos, o País se viu na contingência de aprimorar a qualidade dos seus produtos, que hoje são exportados a preços que variam de US\$ 100 mil a US\$ 1 milhão”, destaca. “A vinda de pedigree mais refinados aprimorou a qualidade brasileira, que passou a concorrer no mercado internacional.”

O Haras Guaiuvira, de Cesá-

O passo-a-passo do embarque

••• Para exportar cavalos, o primeiro passo é solicitar autorização para o Stud Book, que registra todos os nascimentos dos cavalos no País. Este órgão comunica pede a autorização do Ministério da Agricultura. Antes de embarcar, o animal passa por uma bateria de exames, para atestar sua sanidade. Para os Estados Unidos, a principal exigência é o exame negativo de piropalose, transmitida por carrapato.

O transporte é feito em avião de carga aberto com acesso direto do veterinário. No aeroporto, um veterinário de plantão do Ministério da

Agricultura examina o animal e verifica se os exames estão de acordo com as exigências.

O animal é colocado no box da aeronave e o veterinário responsável pelo mesmo o acompanha durante o percurso, para acalmá-lo e tratá-lo, se necessário. Ao chegar no destino, o cavalo fica em quarentena (o prazo depende do país). Depois de uma bateria de exames, é liberado pelas autoridades sanitárias.

No destino, o despachante envia o animal para o local de adaptação. Depois, o animal vai para os treinamentos, visando às competições. • B.M.

rio Lange, cria PSI há 33 anos e tem boas campanhas nas pistas internacionais, destaque para Porto Madero (Argentina), Acreditado e River Savage (EUA) e Eu Também (Dubai). No começo de 2006, o veterinário Christian Schlegel arrendou o haras, aberto para cria e

recria de animais de corridas de PSI de diversos proprietários. “Empresários sem tradição e que querem investir têm estrutura e assistência para compra e venda de animais.”

FAMA

Por trás da fama dos brasilei-

ros em Dubai e nos EUA estão craques como Emerald Rios (do extinto Haras Rosa do Sul, primeiro ganhador de prova de grupo I fora do Brasil, em Nova York, em 1975), Eu Também e Riboletta. Uma trajetória que começou com Siphon (Haras São José do Expedictus), Sandpit (Haras São José da Serra) e Romarin (São José do Expedictus), os primeiros a serem exportados, nos anos 90.

Em 2000, Riboletta ganhou o título de melhor égua do ano, na Califórnia, e recebeu mais de US\$ 1,5 milhão, diz Boyadjian. Também em 2000, os EUA tinham de mandar dois cavalos para correr em Dubai e escolheram Sandpit e Siphon, que ficaram em segundo e terceiro lugar, abrindo o mercado para o Brasil. “Foram as duas campanhas mais importantes.” Cada um ganhou US\$ 3 milhões e foi para reprodução.

Já Romarin ganhou US\$ 1,3 milhão e está cobrindo no Brasil. Na lista, mais nomes: Redatore (Stud Grenoble), que ganhou US\$ 1,9 milhão entre Brasil e EUA e está na reprodução, em sistema de shuttle. •

Custos com o animal são altos

••• O trato mensal de um cavalo de corrida custa de R\$ 1.000 a R\$ 1.200, no Jockey Club. No haras, esse valor cai pela metade. Até estrear em corridas, o animal acumula custos estimados em R\$ 20 mil, segundo o presidente da Comissão de Turfe do Jockey Clube de São Paulo, João Boyadjian.

As despesas de transporte e quarentena de um animal para outro país são elevadas e dependem do destino. Em ge-

ral, quem paga a conta é o importador, segundo Cecília Gonzaga, da Fazenda Interagro. Para os Estados Unidos, fica por volta de US\$ 7.200 e inclui gastos com frete e quarentena (uma semana). Para Europa, o custo é maior: de € 5 mil a € 6 mil. Embora não saiba o valor, a criadora diz que o preço para enviar um cavalo para a Austrália é muito mais alto. “O país exige quarentena na origem, de uma semana, e no destino, de três semanas.” • B.M.



CONFORTO – Genética como a do lusitano Tufão (foto), da Interagro, é apreciada por estrangeiros

Outras raças estão de olho no exterior

O leiloeiro Nilson Genovesi afirma que a criação de cavalo árabe no País é baseada em exportações para Europa, Estados Unidos e América do Sul. “O lusitano e o quarto-de-milha estão na mesma trilha.”

No lusitano, animais montados, com idade acima de 4 anos para montaria e lazer, são o principal interesse, segundo Cecília Gonzaga, diretora da Fazendas Interagro. Ela estima que as exportações alcançaram cem exemplares, em 2006, ante 42 em 2000. Os Estados Unidos são o principal mercado. “Desde 2004, a fazenda promove leilão anual de animais montados, aberto a estrangeiros, por convite”, conta. Por causa do Pan-Americano, a edição de 2007 não

será realizada. Foi transferida para março de 2008, em Wellington, na Florida (EUA). “De 1991 a 2006, enviamos mais de 200 animais, sendo 80% para os Estados Unidos”, conta.

Produtos quarto-de-milha brasileiros abastecem a América do Sul há vários anos. “Muitos adquirem animais em leilões e colocam para fazer campanha no Jockey de Sorocaba”, conta o criador Bene Rosseti, do Haras Cabreúva. Há dois meses ele exportou uma potra de 1,5 ano para a temporada de corridas americanas de 2008. “Foi uma exportação para fazer campanha, um teste para tentar atrair compradores americanos para o produto brasileiro e ampliar a base de clientes.”

FÔLEGO

As exportações também têm dado fôlego para a criação de cavalos árabes, segundo o diretor de relações internacionais da Associação Brasileira de Criadores de Cavalo Árabe (ABCCA), Paulo Roberto Ferreira Levy (Polé), do Haras Capim Fino. “O interesse pelo plantel brasileiro continua crescendo”, afirma. A maioria das vendas ocorre na nacional do árabe, em novembro. Embora realize muitas exportações, prefere não revelar os preços. “São mais vantajosos do que nos leilões”, diz.

O principal destino são os Estados Unidos, seguido da América do Sul e Europa, em menor quantidade. Enquanto na América do Sul a preferência é por animais prontos para a reprodução, nos EUA a escolha recai sobre produtos jovens, de pista. Segundo a superintendente do Stud Book da ABCCA, Cristina Piazza Treu, em 2006 foram exportados 105 animais da raça árabe, ante 48 animais em 2005. • B.M.



GENÉTICA CAMPEÃ – Potros com um ano, do Haras Guaiuvira, em Cesário Lange, interior de São Paulo, que tem boas campanhas lá fora